

Aires Ricardo Mendonça

Dorme que eu velo, sedutora imagem,
Triste miragem que num ermo vi;
E, se acordares dum dormir tão fero
Pega no «Antero» que tens para aí

E então devora as «Odes Modernas»
Estendendo as pernas entre os cobertores
Pois cowboy, misturas o teu cepticismo
Com o snobismo de ter mil amores

Deixa as sebatas em que a gente marra
Vamos lá agarra num jornal da bola
E, Ricardo, grita todo plétórico
Que és um teórico que és um carola.

Berra que te escutam todas as pequenas
Loiras e morenas, todas curiosas,
Que para ser melhor o nosso futebol
Já de si de escol há que criar BRIOSAS

Arrepela as barbas, louco, furibundo
Que um árbitro imundo nos prejudicou...
E não julgues que dizem «essas grandes parvas»
— Não arranca as barbas porque já as tapou!

Não meu caro Aires, ser desconfiado
É andar tramado sempre a duvidar
E a vida agora, é uma certeza
É uma luta acesa que tens de ganhar

Do teu ex cordis

António Mendes

... Um dia entre lágrimas soluços e ais
Acenou o lenço de despedida aos pais
E partiu para longe, longe muito longe
Para viver um sonho lindo, cheio de cor
Estudar as leis .. E ser um bom doutor

Deixou o velho e glorioso Campal
Para o trocar pelo poético Choupal
Banhou-se no sinuoso Mandovi Salgado

As garotas vêem-no passar...
E ele passa!
Do seu olhar longínquo desprende-se
um mistério morno de orientais perfumes!
E assim começa o drama:
uma após outra, rendem-se todas
loucas de amor e de ciúmes!
Porquê? Sei lá porquê!...
Aquele sorriso fez brotar acesos versos
dum coração romântico...
Ah! o Algarve é tão longe e não se vê!
Senão...
Eu queria apresentar a procissão
delas que o seguiam aclamando-o em voz rouca!
Mas...

Cóte-te boca!

Para depois o comparar ao Mondego cantado
E disse Adeus à lendária e misteriosa Goa
Como propósito de conhecer a ciência de Lisboa
E com esse propósito firme e sério
Voltou as costas à Índia Milenária
E voou... cortando os mundos
Atravessando Desertos
Transpondo Oceanos
Até a vaidosa capital do Império

Conheceu o pecado da Lisboa nocturna
O esplendor e o luxo do Estoril
A boémia da Pastelaria Paris
A doutrina do Campo dos Mártires

Mas ele não gostou de Lisboa
Lisboa não o atraíu... Deixou-a

E assim chegou à velha Coimbra
Pátria do fado, de cowboyada, cidade doutora

Velo, viu e venceu...
Proveu os amores do Penedo de Saudade
As discussões de Futebol no Arcádia
Os Bilhares, Jornais e Café da Brasileira
E as noites na tasca do Pirata

Sim, conheceu tudo, tudo...
Talvez para nunca mais conhecer
Mulheres vieram e mulheres foram
Vestiu-se a capa e rasgou-se a capa
Compraram-se sebatas e venderam-se sebatas
Vieram as viagens e acabaram-se as viagens

Será isso tudo verdade?
Não será antes um sonho
Fruto do meu grande Idealismo?

Pensará sempre o Aires de Mendonça
Este doutor que aqui vedes e... «amigo de Onça»

Com fortíssimos abraços e votos para muitas felicidades

N. S. C.

Deixa falar quem fala, ó minha amiga!
Isso é um romance velho...
E a «malta» da Tuna que o diga!
Agora... bem! agora um conselho:
se és bonita, sensata (e tens um «sentimento») de que te gabes!
lança a «isca» e tenta...
Porque... nunca se sabe!
Aires, queria definir-te.
Procurei para ti definição.
Busquei-a...
Errei.
Tudo foi em vão...
.....
No Humano, só ha Compreensão.

Da T. M.

